

UNIVERSIDADES & EMPREGO

COVID-19

Ensino superior aposta nos testes para conter o contágio

Segundo levantamento do JE, perto de uma dezena de universidades e politécnicos têm implementado programas de rastreio à comunidade educativa.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

Universidades e politécnicos têm vindo a lançar um conjunto de critérios de prevenção da propagação da Covid-19. A realização de testes de diagnóstico e de testes sorológicos é uma realidade em muitas instituições de ensino superior público, que apostam no rastreio periódico de alunos, professores e funcionários para prevenir, e, noutros casos, perceber como é que a comunidade evoluiu e se foi adquirindo imunidade ao vírus.

Um levantamento efetuado pelo Jornal Económico revela que há, atualmente, perto de uma dezena de instituições com programas de testagem, entre as quais figuram as três maiores universidades do país – Lisboa, Porto e Coimbra –, que agrupam dezenas de faculdades e institutos, onde estudam para cima de 100 mil pessoas.

Garantir o ensino e a avaliação presencial é o bem maior que todos querem. Pedro Dominguiños, presidente do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos (CCISP), diz ao Jornal Económico (JE) que “todos os Institutos Politécnicos estão a fazer testes aos estudantes que realizam ensino clínico na área da saúde e estágios na área da educação, serviço social, gerontologia e sempre que solicitado pelas instituições onde os estudantes estagiam”. Além disso, há na vertente politécnica do sistema de ensino português instituições que apostam em programas de rastreio geral de caráter periódico. O Politécnico de Leiria é um exemplo, realizando cerca de 250 testes de diagnóstico por mês a estudantes, docentes e não docentes. O Politécnico do Porto, que tem perto de 17 mil alunos, iniciou o ano letivo em

outubro com a realização de testes serológicos a 600 alunos e, desde então, aplica a política de diagnóstico mensal, testando um aluno por turma. Em Setúbal, o politécnico liderado por Pedro Dominguiños, também recorre aos testes de diagnóstico para prevenir o contágio, somando a realização de cerca de uma centena por mês.

A realidade é a bússola

A evolução da situação epidemiológica é a bússola para a decisão das instituições. No extremo sul do país, numa das regiões menos pressionadas até agora pela infeção, a possibilidade está em cima da mesa. “A Universidade do Algarve pondera vir a testar, se a situação o justificar, mas sempre em estreita colaboração com as autoridades de saúde”, adianta fonte da UAlgarve ao JE.

Na capital do Alto Alentejo já se avançou. A Universidade de Évora, que, no final de julho tinha testado trabalhadores docentes e não docentes e investigadores, acaba de dar mais um importante passo na prevenção com testes semanais extensivos a toda a comunidade. “A participação é voluntária, mas fortemente encorajada, atendendo a que se trata de uma medida para monitorização e contenção da transmissão da doença”, explica a reitora, Ana Costa Freitas.

O programa de rastreio arrancou na semana passada e consiste na realização de 75 testes semanais por RT-PCR (exsudado nasofaríngeo), dos quais a 45 estudantes, 15 docentes, 10 trabalhadores não-docentes e cinco investigadores, selecionados por algoritmo aleatório e notificados por correio eletrónico. Em complemento prevê-se a realização de testes imunológicos após a identificação de surtos, nestes casos, com abrangência variável, definida de acordo com a situação.

FORMULÁRIO ALERTA NA UMINHO

Na Universidade do Minho não há testagem direta aos alunos. Entre as ferramentas de prevenção usadas está um formulário online na intranet e no portal académico, “com total proteção de dados”. Lancado este mês permite que os membros da comunidade académica com teste positivo ao novo coronavírus possam “dar o alerta”. “Um membro da comunidade académica que esteja infetado pode dizer onde esteve, que departamentos da universidade frequentou, com quem andou, quando deu positivo, fornecendo nos assim informações importantes para acompanharmos a evolução da situação e tomarmos medidas de mitigação”, explicou Paulo Cruz, pró-reitor e presidente da Comissão Covid-19 da UMinho, aquando do anúncio da ferramenta. A Minho que registou, desde o início do ano letivo, 52 casos de infeção por SARS-CoV-2 – “números totais, alguns já estão curados”, conta com esta ferramenta para “ter uma noção mais exata de como estão a correr as coisas e, eventualmente, identificar focos de contágio”.



Em termos nacionais, a cobertura é vasta. A maior instituição do país, a Universidade de Lisboa – que ancora 18 escolas nas quais estudam cerca de 50 mil alunos – lançou, há menos de um mês, testes diários que vão durar enquanto a pandemia persistir. “É uma operação de grande envergadura que permitirá passarmos por este processo com mais segurança”, anunciou o reitor, António Cruz Serra. O objetivo é testar 10% da comunidade académica de duas em duas semanas, o que significa que até ao fim do ano letivo cada aluno terá sido testado duas vezes.

A operação envolve um total de 600 testes diários e vai custar cerca de 200 mil euros. A sua coordenação está a cargo da Faculdade de Medicina, em colaboração com a Reitoria, e existem vários lugares de testagem. A saber: Estádio Universitário, no centro médico da

Cidade Universitária, Instituto Superior Técnico, Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), Faculdade de Belas-Artes, Faculdade de Motricidade Humana e pavilhão ginnodesportivo do Polo Universitário da Ajuda. As colheitas por zaragatoa estão sob a alçada de uma empresa externa, sendo as colheitas de sangue feitas pelos alunos do 6.º ano de Medicina, supervisionados por um médico interno de cardiologia.

De referir que os testes serológicos feitos, até agora, a cerca de mil pessoas na Universidade de Lisboa revelaram que apenas 4% da comunidade académica esteve infetada e que a propagação de contactos de Covid-19 dentro das faculdades é quase nula.

A outra instituição da capital, a Universidade Nova de Lisboa, abraçou o rastreio serológico ainda em junho. Na segunda quinze-



mente, sofreu o percalço de ter de submeter a quarentena os alunos de Medicina Dentária e Medicina, Enfermagem e Tecnologias da Saúde devido à deteção de perto de 20 casos de infeção no ciclo clínico da Faculdade de Medicina – recolhe, desde o lançamento do programa, cerca de 100 amostras diárias. Ou seja, um total de 2.000 pessoas são testadas por mês. Os estudantes e trabalhadores são chamados por e-mail para se dirigirem aos locais da colheita previamente definidos.

O rastreio não tem carácter obrigatório, mas tal como acontece com a instalação da aplicação StayAway Covid, é fortemente recomendado. “Do ânimo, da mobilização e do sentido de responsabilidade de todos nós, na superação dos constrangimentos necessários, depende o sucesso de toda a comunidade no combate a esta pandemia e aos desafios que se nos colocam”, apela o reitor Amílcar Falcão.

A Universidade do Porto prima pela rapidez e firmeza com que encarou o problema. Liderada por António Sousa Pereira, antigo diretor do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, a U.Porto começou a rastrear logo no início de junho e tem vindo a reforçar e aumentar a abrangência do programa de testes serológicos para pesquisa de anticorpos específicos para o vírus SARS-CoV-2.

“A nossa intenção é tirar uma fotografia desta população agora, mas ir repetindo essa fotografia ao longo do ano, para perceber como é que a comunidade evoluiu e se foi adquirindo imunidade ao vírus”, afirmou o reitor, António Sousa Pereira, no lançamento do programa, que já foi elogiado pelo ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor.

O primeiro momento dos testes aconteceu entre 1 de junho e 10 de julho e abrangeu 3.461 trabalhadores docentes e não docentes. Já em setembro, o programa foi alargado a um grupo de estudantes dos cursos ligados ao ensino clínico. E a partir de 12 de outubro passaram a poder realizar os testes serológicos todos os estudantes de licenciatura e de mestrado integrado, independentemente da faculdade ou do ano que frequentam. A participação é gratuita e voluntária.

Em Vila Real, o evoluir da situação epidemiológica também é acompanhado ao minuto. António Fontainhas Fernandes, o reitor, disse ao JE que a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, (UTAD) “tem um centro de testagem Covid-19 que efetua testagem em articulação com as autoridades locais de saúde”.

A Covid-19, infeção provocada pelo SARS-CoV-2, o novo coronavírus surgido na cidade chinesa de Wuhan, faz agora um ano, obrigou à suspensão das aulas presenciais durante sete meses, cenário que ninguém quer voltar a ver repetido. ●

na desse mês foram testados de forma voluntária e gratuita 1.645 colaboradores docentes, não docentes e alunos. Fonte da instituição disse ao JE que apenas 48 apresentaram anticorpos IgG para o vírus SARS-CoV-2, ou seja, apenas 2,9% tiveram contacto com o novo coronavírus. Quase metade (43%) das pessoas com serologias positivas reportaram ter tido um episódio de sintomas sugestivos de Covid-19.

U.Porto e UC na linha da frente

Na região centro, a mais antiga academia portuguesa, a Universidade de Coimbra, fez acompanhar o regresso às aulas presenciais em outubro de um Plano de Prevenção e Protocolo de Atuação, que, entre muitas outras medidas, compreende um programa de rastreio aleatório para a Covid-19.

A Universidade – que, recente-